

Ponta Delgada: a polémica do momento (e do futuro)

Por
Rui Silva

Após onze dias de encerramento das ruas do núcleo do centro histórico de Ponta Delgada, pela Câmara Municipal, em plena época de Natal, instalou-se um aceso debate nas redes sociais entre inúmeras pessoas que residem, trabalham ou apenas visitam a cidade. De todo este debate, retiro, para já, duas conclusões:

1. que é excessivo o desprezo e o desrespeito para com os comerciantes;
2. que algumas pessoas continuam a não compreender porque é que esta medida é prejudicial, não só ao comércio, mas a toda a vida da cidade.

Quanto à primeira conclusão, não se trata propriamente de uma novidade. Mas é triste verificar que não haja reconhecimento de que, desde sempre, Ponta Delgada foi uma cidade de comerciantes, alguns deles — em boa hora — vindos de fora e que, junto com os naturais, contribuíram para a prosperidade da cidade e da ilha. Os comerciantes deram e dão o seu contributo à economia local e regional. É muito cómodo, sobretudo quando se trabalha por conta de outrem, vir criticar, sem pensar e sem conhecimento de causa, aqueles que arriscam, investem e no fim de cada mês têm de pagar salários, fornecedores, segurança social, impostos, rendas, etc. E o curioso é que, ainda hoje, há quem venha, junto do comércio tradicional, pedir emprego para os filhos! Infelizmente, a intolerância e a falta de solidariedade são marcas dos tempos em que vivemos e até alguma comunicação social tem primado pela ausência de rigor e de isenção ...

Note-se que os comerciantes não estão a pedir apoios. Apenas não se conformam que num período de boas expectativas e de previsão de retoma, em difíceis tempos de pandemia, tenha sido tomada uma medida desajustada e prejudicial, deficientemente organizada e muito pouco divulgada. Não se trata de uma mera coincidência o facto de, no geral, as vendas terem caído após o dia 9 de dezembro, quando até ao dia 8 estavam a subir. Apesar da força das atuais opções, onde se inclui o comércio on-line, são ainda numerosos os consumidores que procuram as lojas da baixa citadina. Também estes foram muito penalizados, multiplicando-se as manifestações de desagrado, em desabafos com os próprios comerciantes.

Relativamente à segunda conclusão, insisto que as ruas sem trânsito conduzem ao afastamento dos consumidores, porque não é prático e leva ao esquecimento. Sem movimento, torna-se insustentável a manutenção dos empregos e das empresas. O encerramento do comércio gera uma cidade sem vida, sem vitrines iluminadas, com prédios degradados e uma imagem de decadência. Ao contrário do que alguns apregoam, com a tomada desta medida, os carros não desapareceram e a poluição agravou-se, com engarrafamentos complicados na avenida marginal, na Machado dos Santos e nas ruas mais a norte. Isto atinge todos os moradores e todos quantos trabalham na cidade. Atinge, particularmente, os nossos idosos e as pessoas de mobilidade reduzida. Mas, o seguidismo cego e acéfalo de “novas e modernas” tendências, não poupa nada, nem ninguém.

Ponta Delgada não tem dimensão, nem população residente e flutuante, para ter todo o centro histórico fechado à circulação automóvel. Não existem ruas que possam constituir alternativas! Como cidade insular e atlântica, temos limites naturais à expansão da malha urbana. Não será, pois, suficiente estarem encerradas, ao trânsito, as ruas da Esperança, do Diário dos Açores, parte da Rua da Cruz e Gil Mont'Alverne de Sequeira, o Largo Mártires da Pátria (em frente ao Liceu), o Largo em frente ao Teatro Micaelense, as ruas António José de Almeida, Hintze Ribeiro, Valverde, parte da rua do Melo e o Largo norte e oeste da Matriz?! Em proporção, quase temos mais ruas fechadas do que algumas grandes cidades do país ou da Europa. Acontece que ao contrário destas, não existem transportes públicos que permitam prescindir completamente do automóvel. Não temos linhas de metropolitano e nunca poderemos ter, e os metros de superfície são uma utopia, totalmente inadequada e que iria descaracterizar completamente a cidade.

Todos aqueles que dizem que gostam tanto de passear, nas nossas ruas (e que, provavelmente, só o fazem meia dúzia de vezes por ano), porque não procuram todas as artérias, que referi acima, incluindo o bonito (e deserto) Campo de S. Francisco? E as Portas do Mar? Não são um excelente local para passeios, sem o bulício dos carros? Vamos ter ainda de fechar mais vias, por sinal providas dos melhores passeios para os peões, como acontece na Praça Gonçalo Velho, no Largo Vasco Bensaúde ou no lado sul da igreja Matriz? Não faz sentido.

Lamento que muitas pessoas tenham memória curta, mas a experiência, em curso, já se realizou e anteriores executivos camarários tiveram o

discernimento de compreender que os benefícios não compensavam os prejuízos. Suspeito que existem pressões e lobbies, e até compromissos, já assumidos, pela edilidade e que o simples cidadão desconhece. Será que o objetivo é concretizar o projeto de reabilitação da Praça Gonçalo Velho? Ou terá a ver com a candidatura a Capital Europeia da Cultura? ... É no mínimo estranho que a Câmara alegue que se trata de uma experiência, quando já se veem pinos chumbados nas ruas da Matriz e do Valverde, quando já existem novos sinais de trânsito colocados e estacionamento definitivamente extintos (ex. Rua do Aljube).

Este é um assunto muito sério, que abrange todos os cidadãos, pois estamos a falar do futuro da nossa cidade. Decisões destas não podem ser tomadas à revelia das instituições e das pessoas, por imperiosa vontade da Câmara. Tudo se procura justificar em nome do turismo, mas o turismo não justifica tudo. A atividade turística é fundamental para S. Miguel e para os Açores, em geral. Sou totalmente a favor do crescimento sustentado do turismo, mas este não deixará, tão depressa, de ser sazonal e o nosso clima, bastante pluvioso, é pouco favorável a recorrentes iniciativas ao ar livre.

O maior problema que afeta o turismo, nos Açores, não é a escassez de ruas pedonais ou de animação urbana. É, sem sombra de dúvida, a qualidade do serviço prestado.

Há muito a fazer em Ponta Delgada. Alterações de fundo e prioritárias, que não passam pelo encerramento total do centro histórico. Há ruas em que urge retirar o estacionamento e alargar os passeios, com a salvaguarda da qualidade de vida dos seus moradores, nomeadamente com parques de estacionamento de proximidade. Há prédios que necessitam de urgente intervenção, por constituírem autênticas ameaças à segurança pública e por denegrirem a imagem da cidade. O combate ao flagelo das térmitas só agora está a começar. A rede de mini bus carece de enormes melhorias, desde o aumento do número de veículos, amigos do ambiente, ao incremento dos circuitos, de modo a agilizar a mobilidade e a garantir uma maior cobertura da malha citadina. É por aqui que se inicia o processo de modernização da cidade!

Por último, sejamos realistas e não se compare Ponta Delgada com cidades de outros “campeonatos”. Não se pode comparar o incomparável. Não somos Lisboa ou o Porto. E mesmo assim, Lisboa e Porto mantêm abertas ao trânsito, praças, avenidas e ruas dos seus centros históricos. Tão pouco somos Coimbra e, não obstante, na última campanha para as eleições autárquicas, houve uma onda de contestação contra o definhamento do centro histórico da cidade estudantil, resultante das muitas ruas pedonais. Nem sequer nos equiparamos ao Funchal ou a Las Palmas de Gran Canaria, onde residentes e turistas são substancialmente mais numerosos e, os segundos, ao longo de todo o ano. O que dizer de comparações com Berlim ou Amsterdão, em que a ausência de montes, colinas e planaltos, é uma via verde para o recurso a ciclovias e bicicletas. E se Ponta Delgada fosse Roma ou Paris? Proíbiam a entrada de carros em toda a cidade! Muitas outros centros urbanos se podiam referir, por entre as comparações que habitualmente são feitas e que nada têm a ver com Ponta Delgada. Sem ter em presença um bom espírito de observação e sentido crítico, quem muito “viaja” pode tornar-se estrangeiro na sua própria terra.

